

CELIE, PONCIÁ E MARIA RAMI : INTERSECÇÕES ENTRE AS PROTAGONISTAS DE *A COR PÚRPURA*, *PONCIÁ VICÊNCIO* E *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Jacqueline Laranja Leal Marcelino
UNEB- Universidade do Estado da Bahia

Resumo: A proposta deste trabalho é promover o estudo da (re)construção de identidades das protagonistas de três narrativas, Celie, Ponciá e Maria Rami, respectivamente das obras *A cor púrpura*, *Ponciá Vicêncio* e *Nikette: uma história de poligamia*. A fundamentação teórica nessas análises articulou questões do feminismo de bell hooks (1984) com identidade na perspectiva de Kabengele Munanga (1994), Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (1996), tendo contribuído ainda os estudos sobre poder, de Foucault (1995), e sobre a memória a partir de Jacques Le Goff (1990) e Maurice Halbwach (2006). A partir do estudo das protagonistas selecionadas apreende-se uma reelaboração positiva de cada uma delas.

Palavras-chave : Escravidão; Colonização; Patriarcado; Identidade

Introdução

Celie, Ponciá e Maria Rami, respectivamente protagonistas das obras *A cor púrpura*, *Ponciá Vicêncio* e *Nikette: uma história de poligamia*, são mulheres negras com vivências e experiências em diferentes países. Celie, afro-americana e Ponciá, afro-brasileira, descendem da Diáspora, mas têm infância e adolescência completamente diferentes. Celie cresceu tão coagida pela ideologia patriarcal que achava que seu destino era sobreviver aos maus tratos para servir, primeiramente ao seu padrasto e depois a seu marido e família. Ponciá, ao contrário, cresceu acreditando que as mulheres é que mandavam, visto que os homens de seu povoado estavam sempre ausentes e eram as mães que mandavam em seus lares, nos filhos e nos maridos. Ponciá, criança, já se sentia empoderada como menina. Gostava de ser mulher e ansiava em ter marido e filhos que a obedecessem.

A terceira protagonista analisada, a africana de Moçambique, Maria Rami, da obra de Paulina Chiziane, assim como Celie, de *A cor púrpura*, vive em uma sociedade extremamente machista. Rami, porém, só percebe o quanto é explorada e subjugada quando observa que seu casamento não estava mais correspondendo às expectativas do que entendia por matrimônio. Ela, que até então vivia exclusivamente para ser esposa de Tony, ao se perceber destituída da presença e atenção do marido, passa a se questionar sobre qual o sentido de dedicar sua existência a servir um marido que não a ama nem respeita.

O empoderamento de Celie

Celie, protagonista do romance de Alice Walker, *A cor púrpura*, consegue modificar-se a partir das interações principalmente com mulheres, com quem aprende ser possível confrontar o controle masculino sobre seu corpo e voz. Ela é apresentada inicialmente completamente adaptada a uma situação de subalternidade em seu ambiente doméstico por ser negra e pobre. Observa-se que a discriminação sexual está impregnada na casa, na família, nas instituições em geral e na própria vítima, como

aponta bell hooks (1984) sobre as vítimas do patriarcado “ são socializadas para se comportarem de maneira que as fazem **agir em cumplicidade** com o status quo” (HOOKS, 1984, p. 43, grifo nosso, tradução livre). Celie também é considerada feia na concepção tanto de seu padrasto quanto de seu marido. Acostumada a maus tratos, submetia-se para não sofrer castigos corporais, para manter-se viva, mas, no decorrer da narrativa, ela conhece pessoas com experiências de vida distintas das suas: mulheres que não aceitam as imposições do sistema patriarcal e fazem com que ela passe a questionar seu modo de vida. Aos poucos vai deixando de ser a escrava do lar e segue consolidando seu empoderamento na interação principalmente com mulheres, como sua irmã Nettie, a cunhada Kate, sua nora Sofia e a cantora Docí Avery.

A vida de Celie é marcada pela ausência de afeto nas relações com os homens com quem conviveu. O homem que ela conheceu como pai a estuprava. Albert, seu marido, apenas a usava para cuidar da casa, dos filhos dele e para seu prazer sexual. O casamento deles era uma relação baseada em opressão e dominação, como observamos pela forma como Celie se referia a ele: “Sinhô”. Ao usar essa forma de tratamento para falar com o próprio marido, ela evidencia o distanciamento entre eles e sua condição de subalternidade. Nettie e Kate quando visitaram Celie observaram o quanto os enteados de Celie não a respeitavam e deixavam todo o trabalho de casa por conta dela. Aconselharam Celie a não se submeter, mas a moça achava que atendê-los em tudo era sua obrigação. Sofia, sua nora, era uma mulher que também não se submetia a seu marido e ao conviver com Celie acabou sendo um exemplo de mulher independente e capaz de fazer valer sua vontade. Por fim, Docí Avery, a amante de seu marido, no período que morou com eles, se afeiçou a Celie que tratou dela durante uma enfermidade e pela proximidade e afinidade proporcionou grandes aprendizagens deste o conhecimento de seu próprio corpo até o despertar do prazer sexual a partir do envolvimento homoafetivo com a própria Docí. O relacionamento com Docí Avery proporcionou à Celie não apenas uma melhor autoestima como também a conduziu a encontrar sua vocação profissional para a costura de calças compridas, atividade que lhe rendeu sua emancipação financeira.

O protagonismo de Ponciá

De forma diferente do que se passa em *A cor púrpura* ou em *Niketche*: uma história de poligamia, na narrativa *Ponciá Vicêncio* desvelam-se vivências em um lar regido com certa autonomia por uma mulher, Maria Vicêncio, mãe de Ponciá. Essa representação positiva da figura feminina reflete-se na decisão de Ponciá que, com apenas 19 anos, parte sozinha para tentar a vida na cidade grande. Nesse contexto, a questão de gênero como construção social se evidencia porque Ponciá desde criança mostra-se feliz e orgulhosa de sua identidade feminina e a satisfação da protagonista em ser mulher é bastante marcada na narrativa.

De forma diferente do que se passa em *A cor púrpura* ou em *Niketche*: uma história de poligamia, na narrativa *Ponciá Vicêncio* desvelam-se vivências em um lar regido com certa autonomia por uma mulher, Maria Vicêncio, mãe de Ponciá. Essa representação positiva da figura feminina reflete-se na decisão de Ponciá que, com apenas 19 anos, parte sozinha para tentar a vida na cidade grande. Nesse contexto, a questão de gênero como construção social se evidencia porque Ponciá desde criança

mostra-se feliz e orgulhosa de sua identidade feminina e a satisfação da protagonista em ser mulher é bastante marcada na narrativa.

Desde menina, Ponciá rejeitava seu próprio nome, visto que seu sobrenome não provinha de raiz familiar, já que ‘Vicêncio’, que designava todos de sua família, era meramente o sobrenome do senhor de escravos a quem seus antepassados pertenceram:

Quando mais nova **sonhara até um outro nome** para si. **Não gostava** daquele que lhe deram. Menina tinha o hábito de ir à beira do rio e lá se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. [...] A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. **Sentia-se ninguém**. Tinha então vontade de choros e risos (EVARISTO, 2003, p.19, grifo nosso).

De tanto rejeitar seu próprio nome, Ponciá Vicêncio sonhava com outro nome em que pudesse se reconhecer. Para o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2006), ser nomeado a partir do sobrenome dos senhores de escravos é uma marca de subalternidade. Tratava-se de uma estratégia para que cada dono de escravos identificasse suas “peças”, assim como qualquer outra propriedade.

Esse sentimento de vazio e de não existência remete à anulação da identidade imposta aos africanos escravizados, destituídos de seus nomes de família, de sua cultura e de seus familiares ao serem reduzidos a peças de trabalho, em tentativa de desumanizá-los. Os danos psicológicos decorrentes desse sistema que acometeram Vô Vicêncio também são evocados quando é dito que Ponciá “tinha vontade de choros e risos”, antítese que marca a loucura do seu avô pelo tanto que viveu e resistiu durante a escravidão: “Um dia ele teve uma crise de choro e riso tão profunda, tão feliz, tão amarga e desse jeito **se adentrou pelo outro mundo**” (EVARISTO, 2003, p. 15, grifo nosso).

Vô Vicêncio chorava por todo o sofrimento que teve de enfrentar como escravo e por não ter conseguido se matar, mas ria por acreditar que havia libertado a esposa do sofrimento, ao lhe ter tirado a vida. Esse sentimento antagônico de alegria/tristeza e a aparência física com o avô podem ser caracterizados como as primeiras heranças que se confirmam para Ponciá.

A ausência de um sobrenome que indicasse a origem de Ponciá marca a falta de uma identidade familiar. A situação da personagem, como a dos demais africanos e/ou seus descendentes, isolados em um povoado que demandava que eles trabalhassem nas terras do antigo senhor, também atesta uma condição social e econômica subalterna com pouquíssimas diferenças em relação à vida que levaram seus antepassados escravizados. Assim, a condição de subalternidade imposta aos negros vai se perpetuando pela marginalização dessas pessoas e Ponciá segue vivendo experiências em que predominam perdas e vazios.

Ela sonhava com um futuro melhor, inclusive porque sabia ler e escrever. A princípio, acreditava que essa competência já seria suficiente para distingui-la dos seus antepassados, a quem foi proibido o acesso à alfabetização. Então, Ponciá decide migrar

do espaço rural para o urbano, passando a ser a primeira da família a usufruir o direito de ir e vir. Deixa o povoado em que cresceu, acreditando ser possível construir uma história diferente da que vinha testemunhando no povoado.

O despertar de Rami

A protagonista de *Niketche: uma história de poligamia*, mostra-se uma mulher forte e decidida quando se dá conta de que seu casamento está diferente. Então, ela sai de sua casa para pessoalmente investigar o que está acontecendo com o marido Tony, que andava muito ausente de casa e da família. Até então, Rami estava acostumada a adaptar-se a quaisquer situações que se apresentassem para ela sem questionar, porque não considerava importantes suas vontades e desejos. Quando, porém, percebe as ausências recorrentes do marido, passa a se sentir abandonada e decide não se conformar com aquela situação.

Uma manhã, ao despertar, sente-se frustrada por mais uma vez estar só em seu leito e faz a seguinte reflexão: “Sou uma mulher derrotada, tenho as asas quebradas. Derrotada? Não. **Nunca combati**. Depois as armas muito antes de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida” (CHIZIANE, 2004, p.18, grifo nosso). Essa constatação demonstra que até aquele momento ela assumia uma postura subalterna, acatando sempre o que os outros ditavam, provavelmente como resultado de ter sido socializada para se conformar.

Rami admite nunca ter definido metas para si, nem sabe dizer se teve aspirações próprias e recorre à metáfora do rio morto para explicar como se encontra sua vida nesse momento: completamente inerte, sem vida, sem esperança. Sente-se só e abandonada. As ausências do marido e a mudança no casamento deles fez com que ela despertasse para não se conformar com aquela situação que não lhe fazia bem. Tudo o que ela havia aprendido na cultura em que foi educada, tudo o que havia praticado, acreditando no casamento monogâmico, precisou ser revisto quando descobriu que seu marido tinha quatro amantes em distintas regiões de Moçambique.

Depois de ter viajado pelo seu país para ir ao encontro das quatro amantes de seu marido, Rami mostra-se decepcionada ao descobrir que Tony tinha filhos com todas, mas que não tinha compromisso financeiro com nenhuma delas. Então, põe-se a refletir sobre o valor do sujeito feminino e conclui que a mulher não tem nenhum valor porque “Até na Bíblia a mulher não presta. Os santos nas suas pregações antigas, dizem que **a mulher nada vale**, a mulher é um nutridor de maldade, fonte de todas as injustiças e querelas” (CHIZIANE, 2004, p. 68, grifo nosso).

A partir dessa alusão à Bíblia, a personagem se questiona por que Deus teria feito a mulher se ela não faz falta no mundo, e prossegue com outros questionamentos. Indaga-se sobre o porquê de Deus permitir que as mulheres sofram tanto e se Deus tem uma mulher. Chega à conclusão de que, se ele é casado, sua esposa deve ser tão invisível quanto as mulheres de Moçambique: “Deve ser **tão invisível como todas nós**. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial” (CHIZIANE, 2004, p. 68, grifo nosso). Nessa passagem, Rami se vale de uma ironia para denunciar o papel secundário da mulher na sociedade moçambicana, a quem só compete servir ao homem.

Rami prossegue seu monólogo interior sobre a condição da mulher em Moçambique, dizendo que, se existisse uma deusa, esposa de Deus, as mulheres teriam a quem dirigir suas preces e rezariam:

Madre Nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino – das mulheres, claro -, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, **assim na terra como no céu**. A paz nossa de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas – fofocas, má língua, bisbilhotices, vaidade, inveja – assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear [...] (CHIZIANE, 2004, p.68, grifo nosso).

Ao propor uma oração endereçada à Madre Nossa, à esposa imaginada de Deus, Rami elabora uma paródia da oração “Pai Nosso” símbolo maior do Cristianismo. Rami revolta-se ao se dar conta de que o Deus do catolicismo, religião que ela assimilou por imposição dos colonizadores, é um protetor exclusivo dos homens, pois desconsidera as mulheres. Ela, então, reivindica uma protetora para as mulheres e defende que seria necessária uma divindade mulher para entender e atender às necessidades femininas.

Ao parodiar o “Pai nosso”, Rami desafia e questiona a religião que por muito tempo internalizou sem questionar. Essa atitude de parodiar o discurso dominante é apontada por Bhabha (2007) como um recurso para o subalterno validar sua voz, pois, ao subverter, ameaça a autoridade que legitimou o discurso do colonizador e é essa estratégia que Rami utiliza para subverter o que é sagrado para a cultura ocidental. A paródia de Rami prima pelo humor do princípio ao fim: “[...]. Não nos deixei cair na tentação **de imitar as loucuras deles** – beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixeis morrer nas mãos desses tiranos – mas livrais-nos do mal, Amém” (CHIZIANE, 2004, p. 69, grifo nosso).

Esse efeito irônico se dá pela inversão de gênero, dirigindo-se a uma divindade mulher e não ao Deus católico. As solicitações femininas são elaboradas em contraponto ao praticado pelos homens, assim prevalecem duas vozes, a masculina e a feminina. A paródia, além de contestar os textos bíblicos, questiona o Cristianismo imposto pelos colonizadores que, apesar de defender a monogamia permitiu a poligamia de forma não oficial.

Ao finalizar sua oração, Rami acrescenta: “Uma **mãe celestial** nos dava muito jeito, sem dúvida alguma” (CHIZIANE, 2004, p. 69, grifo nosso). Rami julga necessário recorrer a uma mãe celestial porque o Pai celestial só tem priorizado o homem, desconsiderando as necessidades e sofrimentos das mulheres. Ao conhecer as outras mulheres de Tony, especialmente as do norte, que não assimilaram o catolicismo e outros costumes dos colonizadores, Rami desperta para questionar muito do que lhe foi ensinado, inclusive o amor monogâmico. Neste processo a protagonista se dá conta que suas rivais são tão vítimas quanto ela própria e chega a conclusão que se as mulheres não dependessem financeiramente dos homens poderiam ter outros destinos e põe em prática então uma estratégia de emancipação financeira para ela e para as demais “esposas” de seu marido.

Intersecções entre Celie, Ponciá e Maria Rami

Comparando Celie e Ponciá na infância e na adolescência, pode-se perceber que as duas apresentam interações bem distintas com seus pares. Enquanto Celie submetia-se, aceitando o controle por parte dos homens do seu núcleo familiar, Ponciá teve uma vivência de criatividade, criando utensílios domésticos moldados no barro e brincando na beira do rio com liberdade. Celie foi proibida de continuar os estudos, Ponciá foi incentivada a estudar. Não se trata de dizer que Ponciá tinha poder e Celie não, pois de acordo com Foucault (1995), o poder não é algo a ser apropriado, pois constitui-se nas relações. Segundo o autor, nas interações que envolvem poder, prevalece a premissa de que todo controle gera resistência. Para Foucault (1995), as relações de poder sempre estão presentes na vida cotidiana e ninguém está completamente destituído dele, o que acontece é que um dos polos em dado momento exerce seu poder com mais vigor, restando a quem está sofrendo a oposição, a contestação ou a submissão.

Assim no decorrer de *A cor púrpura* desvela-se que Celie conformava-se com os abusos dos homens porque tinha sido socializada de forma sexista e, portanto, permanecia submissa ao sistema patriarcal, porém, ao conhecer mulheres com outras experiências de vida, ela gradativamente passa a ter outra consciência e começa a exercer seu poder de escolha. Vive uma experiência homoafetiva, que pela primeira vez em sua vida lhe proporciona prazer sexual, passa a enfrentar o marido com palavras, resolvendo por fim abandoná-lo para seguir para Memphis com Docí. Cada atitude de Celie contra o marido demonstra a consciência que ela vai adquirindo de que é possível mudar sua história de vida.

A trajetória de Ponciá muito se distingue da história de vida da personagem Celie, pois Ponciá cresce observando as interações entre seus pais e entre os demais moradores do povoado e internaliza que as mulheres mandavam nas casas, nos filhos e nos maridos. Esta maneira de compreender o poder tornava a vida de Ponciá prazerosa porque ela via na mãe uma representação de força que acreditava que teria, também por ser mulher.

Assim, aos 19 anos se aventura a mudar-se para o meio urbano. Chega à cidade cheia de sonhos, mas não consegue concretizá-los e aos poucos vai se dando conta de que o principal entrave a sua ascensão social é seu passado escravocrata, então a problematização maior na obra *Ponciá Vicêncio* diz respeito às relações de poder dos brancos, que tentam manter os negros submissos e em desvantagem por não lhes permitir acesso a melhores oportunidades de trabalho. A jovem Ponciá, então, retorna ao povoado, como atitude de resistência, para ser guardiã da memória de seu povo, para que os negros possam conhecer vivências dos seus antepassados e não mais aceitem as identidades forjadas pelo homem branco, que tentam fixá-los como eternos escravos e seres inferiores.

A terceira protagonista analisada, Maria Rami, da obra de Paulina Chiziane, assim como Celie, de *A cor púrpura*, vive em uma sociedade extremamente machista. Rami, porém, só percebe o quanto é explorada e subjugada quando observa que seu casamento não estava mais correspondendo às expectativas do que entendia por matrimônio. Ela, que até então vivia exclusivamente para ser esposa de Tony, ao se perceber destituída da

presença e atenção do marido, passa a se questionar sobre qual o sentido de dedicar sua existência a servir um marido que não a ama nem respeita.

Ao descobrir que o marido tem outras mulheres, Rami tenta restaurar a poligamia nos moldes da tradição africana como modelo de casamento para os envolvidos. Ela passa a questionar o papel das mulheres na sociedade moçambicana e se dá conta que ela e muitas outras mulheres acabam perpetuando a ideologia patriarcal, privilegiando os filhos e subtraindo cuidados e ensinamentos às filhas, que poderiam promover mudança nas relações de poder.

Em muitos momentos da narrativa as três personagens recorrem ao passado para compreender o presente. A via de acesso ao passado para Ponciá e Rami são as lembranças e os relatos dos mais velhos. Para Celie, a compreensão da história dos seus antepassados chega a ela através das cartas recebidas de sua irmã que, sendo missionária na África pesquisou e muito descobriu sobre a história daquele continente, tanto a partir de suas vivências na África como também através de estudiosos africanos.

A memória, como fonte de saber, independentemente de se fazer presente via relatos orais ou via registros escritos, como defende Le Goff (1990), é uma manifestação de poder que permite a compreensão de vivências passadas que influenciaram a vida presente. Essa noção de domínio dialoga com considerações de Foucault (1995), que teoriza que as relações de poder são exercidas com base em conhecimentos que se impõem, assim a memória configura-se como um instrumento de poder que se constitui como forma de resistência, por isso é um recurso de luta.

No caso de Celie e Ponciá, a escravidão deixou uma lacuna sobre os modos de ser e de viver dos muitos grupos negros que foram trazidos para as Américas como se não tivessem história, como se tivessem surgido a partir da escravidão. Percebe-se, então, por parte dos afro-americanos, dos afro-brasileiros ou africanos, uma grande ansiedade por conhecer mais sobre suas origens, sobre as histórias dos seus povos apagadas pelo processo escravagista. Em relação a Maria Rami, a personagem busca uma conexão com o passado na tentativa de recuperar valores e saberes da tradição africana que foram rasurados pela experiência da colonização.

Hall explica que: “As ‘histórias ocultas’ desempenharam papel fundamental no surgimento de muitos dos mais importantes movimentos sociais de nossa época – o feminismo, o anti-colonialismo, o anti-racismo” (HALL, 1996, p. 69), porém problematiza a noção de “busca profunda” da identidade, sugerida por Franz Fanon (1963), para reaver a identidade que a experiência colonial ou a escravidão rasurou. Hall questiona:

Será apenas uma questão de exumar o que a experiência colonial enterrou e cobriu, trazendo à luz as continuidades ocultas reprimidas por ela? Ou existe aí uma prática totalmente diferente – não a redescoberta, mas sim a produção da identidade? **Não uma identidade que se baseie na arqueologia, mas sim em re-contar o passado** (Hall, 1996, p.69, grifo nosso).

Hall acredita que desenterrar o que foi encoberto é essencial, mas alerta que esse processo não ocorre com isenção de contribuições da imaginação e exemplifica

mencionando o trabalho fotográfico de Armet Francis (artista visual, que desde os oito anos viveu na Inglaterra), desenvolvido com pessoas do Triângulo Negro - na África, Caribe, Estados Unidos e Reino Unido. As imagens criadas por Francis representam o continente africano como a mãe de todas essas civilizações diferentes, o triângulo está centrado na África, e o autor completa: “África é o nome do termo ausente, a grande aporia, que jaz no centro de nossa identidade cultural e dá-lhe um sentido que ela, até recentemente, não tinha.” (HALL, 1996, p.69). Para o autor, a perda da identidade só é passível de ser superada quando as conexões com as origens são reestabelecidas. Concordando com Le Goff (1990), Hall (1996) admite que tais conexões demandam memória como recurso de resistência necessário para confrontar as representações impostas pelos regimes dominantes.

Hall (1996), porém, defende uma segunda perspectiva: “Esta segunda posição reconhece que, assim como muitos pontos de similaridade, há também pontos críticos de diferença profunda e significativa que constituem ‘o que nós realmente somos’; ou melhor – já que a história interveio – ‘**o que nós nos tornamos**’.” (HALL, 1996, p. 69, grifo nosso). Para esse autor, não se pode falar em identidade sem considerar as rupturas e discontinuidades vividas, pois essas particularidades é que vão singularizar, por exemplo, os caribenhos – é o povo que motiva sua análise, porém entende-se que essa reflexão se aplica a qualquer povo que viveu experiência de colonialismo ou escravidão.

O que Hall (1996, p. 69) ressalta nessa segunda perspectiva é que a identidade é uma experiência de “ser”, mas também de “se tornar”. Não é algo pronto que transcende lugar, tempo, cultura e história. Se as identidades culturais possuem histórias, como tudo que é histórico, estão em constantes transformações. As identidades não podem ser recuperadas do passado como constituições essencialistas que vão garantir uma percepção definitiva e imutável de nós mesmos.

Hall (1996, p. 70) explica que identidade cultural “não é uma origem fixa à qual possamos fazer um retorno final e absoluto”, pois todas as vivências já impactaram o indivíduo que tenha passado por uma experiência traumática de rupturas, seja por escravização ou por colonização. Ele acrescenta que mesmo os africanos escravizados que cruzaram o Atlântico não constituíam um grupo homogêneo, vinham de diferentes países, de comunidades tribais diversas, tinham línguas e deuses diversos, então a busca pela origem é sempre uma volta mítica à África. Cada grupo ou indivíduo que se deslocou ou foi conduzido para diferentes espaços não está apartado do contínuo de suas experiências.

Considerações Finais

As protagonistas em que centramos este estudo são mulheres negras que, conforme observado por Hall (1996) se singularizam por vários fatores. Mesmo a afro-americana e a afro-brasileira, sendo descendentes de africanos escravizados, viveram em espaços diferentes e apresentaram históricos de vida igualmente diversos. O conhecimento de aspectos identitários genéricos positivos da África ajudou a Celie a se reconectar consigo mesma e a melhorar sua autoestima. Pelo conhecimento compartilhado com sua irmã e com sua amada, Celie foi capaz de se afastar do cristianismo e se aproximou da natureza como força divina, conforme valores africanos.

Quanto a Ponciá, ainda que ela tenha optado por voltar para o povoado para ser guardiã da memória de seu povo, isso não implica em retorno a uma identidade essencial. O objetivo dela é resistir, para que no futuro possam ocorrer mudanças. É a consciência da necessidade de desvelar as histórias ocultadas sobre seu povo para que os negros se reconheçam como importante parte da nação brasileira, sabendo que não têm do que sentir vergonha, ao contrário, que merecem o respeito e políticas de reparação social para que possam ter condições justas de viver.

Maria Rami também recorre ao retorno ao passado através de questionamentos a sua mãe e a outras mulheres da família para compreender as tradições africanas que deixou de conhecer pela colonização. No entanto, ela questiona muitos aspectos da tradição, porque considera que só privilegiam os homens. Conhecer a tradição depois de vivenciar outro tipo de socialização a torna crítica, pois adquiriu outros parâmetros de comparação. Compara as tradições que embasaram a socialização das mulheres do norte com a forma com que ela foi criada e ora fica do lado da tradição ora prefere o estilo contemporâneo no qual vive, bastante influenciado pela colonização.

Referências

- CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e dupla consciência. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo, Rio de Janeiro, Editora 34, Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Tradução de Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, p.68-75, 1996.
- HOOKS, bell. **Feminist theory**: from margin to center. Boston: South End Press, 1984.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.
- MUNANGA, Kabengele. **Identidade, cidadania e democracia**: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.
- WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. 7. ed. São Paulo: Marco Zero, 1986.